

**ENTRE ENCRUZILHADAS E TRINCHEIRAS: UMA ANÁLISE DA  
ESCREVIVÊNCIA TRANSMASCULINA A PARTIR DO POEMA “TRANS-  
PARTO”**

BETWEEN CROSSROADS AND TRENCHES: AN ANALYSIS OF  
TRANSMASCULINES ESCREVIVÊNCIA BASED ON THE POEM “TRANS-PARTO”

ENTRE ENCRUCIJADAS Y TRINCHERAS: UN ANÁLISIS DE LA ESCREVIVÊNCIA  
TRANSMASCULINA A PARTIR DEL POEMA “TRANS-PARTO”

Dayanna Louise Leandro dos Santos<sup>1</sup> 0000-0002-3219-5346

Thomas Cardoso Bastos Santos<sup>2</sup> 0000-0003-1577-4271

Alfrancio Ferreira Dias<sup>3</sup> 0000-0002-5562-0085

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; day.louisee@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; thm.ceduc@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; diasalfrancio@academico.ufs.br

**RESUMO:**

A produção literária tem sido, hegemonicamente, território de reiteração de normas e legitimação de determinadas formas de ser e existir, reservado ao “outro” o papel de coadjuvante com desfechos demarcados pela tragédia. Em contrapartida, este campo também tem sido disputado por produções que buscam construir narrativas outras, reposicionando corpos considerados subalternos nas (e para além das) páginas literárias. Compreendido não só como arte, mas também como linguagem permeada de cunho ideológico, a literatura cria ficção e produz memória. Partindo deste princípio, o trabalho tem por objetivo analisar a construção de narrativas transmasculinas negras a partir do poema “Trans-parto”. Escrito por Bruno Santana, a obra lança olhares sobre processos de transição do autor enquanto corpo transmasculino negro. Com referência nos estudos produzidos por Santana (2021a), Peçanha (2021), Evaristo (2017), discutiremos o potencial discursivo presente neste (des)fazer literário ao apresentar outras formas de masculinidades, confrontando assim um dos pilares dos cânones literários: a cisnormatividade.

**Palavras-chave:** escrevivência; educação; transmasculinidades.

**ABSTRACT:**

Literary production has been, hegemonically, a territory of reiteration of norms and legitimation of certain ways of being and existing, reserved for the “other” the supporting role with outcomes demarcated by tragedy. On the other hand, this field has also been disputed by productions that seek to build other narratives, repositioning bodies considered subaltern in (and beyond) literary pages. Understood not only as art, but also as a language permeated with an ideological nature, literature creates fiction and produces memory. Based on this principle, the work aims to analyze the construction of transmasculine narratives from the poem “Trans-parto”. Written by Bruno Santana, the work looks at the author’s transition processes as a black transmasculine body. With reference to the studies produced by Santana (2021a), Peçanha (2021) Evaristo (2017), we will discuss the discursive potential present in this literary (un)making by presenting

other forms of masculinities, thus confronting one of the pillars of literary canons: cisnormativity.

**Keywords:** escrevivência; education; transmasculinities.

### **RESUMEN:**

La producción literaria ha sido, hegemónicamente, un territorio de reiteración de normas y de legitimación de ciertos modos de ser y de existir, reservando al “otro” el papel secundario con desenlaces demarcados por la tragedia. Por otro lado, este campo también ha sido disputado por producciones que buscan construir otras narrativas, reposicionando cuerpos considerados subalternos en (y más allá) de las páginas literarias. Entendida no sólo como arte, sino también como un lenguaje impregnado de un carácter ideológico, la literatura crea ficción y produce memoria. Partiendo de este principio, el trabajo tiene como objetivo analizar la construcción de narrativas transmasculinas a partir del poema “Trans-parto”. Con referencia a los estudios producidos por Santana(2021a), Peçanha (2021) Evaristo (2017), discutiremos el potencial discursivo presente en este (des)hacer literario presentando otras formas posibles de masculinidades, confrontando así uno de los pilares de los cánones literarios: la cisnormatividad.

**Palabras clave:** escrevivência; educación; transmasculinidades.

## **Introdução**

A travessia é o lugar da incerteza, da não evidencia, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência (Paul Preciado).

Numa carta direcionada às “queridas mulheres de cor”, Anzaldúa (2000) afirma que escrever é se expor. Contrariando este princípio, a produção literária tem sido espaço de reiteração da cisnormatividade ao reproduzir olhares que legitimam determinados discursos, reservando ao “outro” o papel de coadjuvante na narrativa histórica. Em “Pode um cu mestiço falar?” Mombaça (2015) estabelece diálogos com Spivak (2010) ao abordar o silenciamento sistemático dos considerados subordinados, interpelando a capacidade dos marcos hegemônicos de reconhecer as diferenças.

Neste sentido, a literatura (re)produz imaginário social, na medida em que descreve contextos, crítica realidades produtoras de normatizações, proporciona pensamentos particulares, além de propor outras perspectivas de mundo. De acordo com Cândido (1988, p. 175) “A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Afinal, o campo literário também é instrumento de educação, e se por vezes reitera a norma, por outras transgride fronteiras impostas no próprio currículo escolar.

Se a carta de Anzaldúa e o ensaio de Mombaça nos convidam a produzir rachaduras epistemológicas, como antídoto ou veneno, uma negra, lésbica, mãe, guerreira e poeta nos adverte que o silêncio não vai nos salvar (LORDE, 1977). Interrompê-lo é abrir um campo de

possibilidades que compreende nossas vidas para além da invisibilidade literária ou como mero personagem destinado ao castigo, a violência brutal e a morte.

Partindo desta provocação que nos motiva a estilhaçar a máscara do silenciamento (KILOMBA, 2016), o presente trabalho busca analisar a emergência de um movimento literário transmaculino negro tomando como referência a escriturização de Bruno Santana (2021a), a partir da poesia “**Trans-parto**”.

Se a escrita tem o poder de nos localizar no mundo, a literatura transmasculina negra apresentada neste trabalho busca reposicionar esses corpos frente não apenas à produção literária, como também aos estudos de gênero. Lançar olhares sobre tais movimentos e produções é reconhecer a literatura não apenas como campo artístico, mas, sobretudo de intensas disputas, dentre as quais pelo direito de escrever.

### **Entre a invisibilidade e a regra da exceção: pode um homem trans negro ter e escrever sua história?**

Nossas escriturizações são resistências e políticas (Leonardo Peçanha)

As transmasculinidades são desobediências às cismatizações e às cismasculinidades, o florescer de novas possibilidades de ser e estar no mundo. Seios de Transhomem, vagina de homem Trans, possibilidade de hackear os padrões de gênero (Preciado, 2014). Assim como afirmou Preciado (2020) as transmasculinidades renunciam a anatomia como destino, a identidade de gênero não pode ser a origem ou fim, no gênero não há verdades ontológicas nem necessidades empíricas, das quais seja possível surgir adequações ou demarcações. Assim ainda segundo o autor, a batalha se inicia com a desidentificação, com a desobediência, e não com a identidade

Onde estão os homens trans e transmasculines nas páginas da história? E na literatura? Qual a média de escolaridade e expectativa de vida destes corpos? E a inserção no mercado de trabalho? Sobram perguntas, faltam respostas. Grande parte dos dados divulgados em relação à população transvestigenera além de serem subnotificados tem como referencial a vivência de mulheres trans e travestis. Recentemente, o movimento das transmasculinidades tem promovido ações no intuito de levantar dados estatísticos voltados para homens trans e transmasculines, buscando assim fomentar estratégias na luta pela garantia de seus direitos.

Se os dados estatísticos (ou a ausência deles) apontam para uma invisibilidade transmasculina desconsiderando suas particularidades, basta um breve e sensível olhar para as

produções literárias, espaços escolares, universidades e no mercado formal de trabalho para que tal ausência seja sentida. Ou melhor, será que essa ausência causa incômodo?

Homens trans e transmasculines que alcançam cadeira na universidade, mandato político ou qualquer outro espaço de poder institucional tornam-se a regra da exceção face às vulnerabilidades sociais presentes nas trajetórias dos seus pares. Quando atravessados por outros marcadores sociais de diferença, a exemplo de raça-etnia, o acesso e permanência nesses lugares torna-se tarefa mais árdua.

Mesmo diante dos apagamentos e das constantes ausências, as transmasculinidades tem se deslocado para um movimento de construção epistemológica a partir de suas escrituras, concepção construída por Conceição Evaristo (2017) que tem como base o próprio processo de constituição de si, por meio de seus escritos uma restituição da identidade, da condição e dos modos de ser e existir da mulher negra.

A começar por esta dimensão, a escritura é marcada e carregada, como um lugar de manifestação de um eu coletivo, ou seja, por meio de suas experiências, se remonta histórias de um "nós" partilhado. Assim, "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si" (EVARISTO, 2017, s/p).

Partindo deste princípio, homens trans e transmasculines estão disputando espaços de produções literárias, apresentando narrativas outras. Se em *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, o escritor João Guimarães Rosa inclui um personagem masculino chamado Diadorim, cujo sexo biológico feminino é revelado apenas no final da obra sem apresentar problematizações ou suspeitas sobre a identidade trans nem o que o personagem pensava sobre si mesmo (MOIRA, 2018).

Na década de 80, a publicação do livro autobiográfico "A Queda para o Alto" de Anderson Herzer contendo poemas que transitam entre bons momentos (relacionamento amoroso, paixão pela escrita e construção de redes de afeto) e a vulnerabilidade social (alcoolismo, abandono, internação) representa um marco na produção literária transmasculina brasileira. O autor não teve a oportunidade de acompanhar a repercussão da obra, sendo suicidado antes mesmo da publicação de seus escritos. Ainda que o tema central da obra não faça referência à identidade de gênero, as tramas ali contidas representam experiências bem comuns aos homens trans e transmasculines.

Neste mesmo período, João Nery lança a obra "Erro de pessoa, João ou Joana" sem alcançar grande repercussão num país que ainda sofria os efeitos de uma ditadura civil-militar

enquanto as lutas em favor da redemocratização ganharam mais fôlego. A preocupação com o cenário político-social do país já se mostrava presente na dedicatória do livro: “Este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados (quer por motivos sociais, jurídicos, econômicos, políticos, físicos, emocionais, etc.), que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, “se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais”. (NERY, 1984)

Em 2011, a obra é reeditada recebendo um novo título: "Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois". Ao lançar o livro num programa televisivo de relativa audiência, João Nery se consagra não apenas como uma das maiores referências do movimento de homens trans, mas da luta pelos direitos humanos no Brasil. A repercussão do texto que trazia uma maior aproximação com os estudos de gênero se comparado ao original, possibilitou que o mesmo levantasse o debate sobre transmasculinidades em diversos estados brasileiros, especialmente a partir de convites feitos por importantes universidades.

Na segunda década do século XXI, a literatura transmasculina brasileira é enriquecida com a produção de uma geração mais jovem e engajada tanto com os questionamentos levantados por João Nery quanto por novas demandas extraídas de um ativismo transmasculino que tinha alvorecido a pouco tempo no país. Assim, Cello Pfeil, Bruno Pfeil, Caio Souza Tedesco, Caio Jade, Shay de los Santos Rodriguez e tantos outros contribuíram não apenas na garantia de uma maior visibilidade e produção transmasculina na literatura, como também para o rompimento com a construção de uma história única acerca de corpos dissidentes.

Outras vozes reforçaram esse coro de resistência e criatividade, tais como Leonardo Peçanha, Vércio Gonçalves, Esteban Rodrigues, Tito Carvalhal, Guilherme Almeida e Bruno Santana, ao apontarem para uma escrita de encruzilhadas articulando identidade de gênero e raça em seus escritos. Afinal, “a agenda transmasculina não pode estar atrelada a uma perspectiva universal, pois não daria conta de abranger o quanto somos plurais. Os direitos e demandas que buscamos devem ser respeitando as interseccionalidades as quais estamos inseridos” (PEÇANHA, 2021, p.26).

Se a agenda transmasculina é plural em tramas, vozes e movimentos, tomaremos como foco investigativo o poema “Trans-parto”, escrito por Bruno Silva de Santana. Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Pós-Graduado em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o autor faz parte de uma estatística alarmante: de acordo com a Pesquisa do Perfil dos Graduandos das Instituições Federais da Andifes (2019), homens e mulheres trans equivalem a 0,1% dos/as estudantes do ensino superior brasileiro. Além de

manter estreita relação com políticas de promoção de acesso e permanência nos espaços acadêmicos, a inserção dessas vozes no ensino tem provocado tensionamentos e disputas epistemológicas.

Transativista com ênfase nas transmasculinidades negras, sua atuação na e para além da universidade possibilita a construção de importantes redes de apoio, acolhimento e afeto, além de ampla circulação de conteúdos vinculados a essa temática em redes sociais. Assim, ele se (re)faz enquanto professor, pesquisador, poeta, escritor, nordestino e transativista negro pelos coletivos De Trans pra Frente e Transbatukada.

Ao publicar “Nós, escrituras de resistências” pela Literatrans (2016), Amar Devagarinho pela Padê Editorial (2018), Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades pela Ciclo Continuo (2018) e Transmasculinidades Negras- Narrativas Plurais em Primeira Pessoa pela Ciclo Editorial (2021), percorre importantes caminhos para (re) construção de memórias coletivas, um itinerário que não se inicia nem se encerra na produção literária deste autor, mas que se fortalece e ganha novos contornos a partir dos seus escritos.

No bate-papo sobre Insurgências Poéticas Transmasculinas, realizado no evento Inverno Cultural promovido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), ele analisa a poesia enquanto estratégia de resistência:

Poesia é essa estratégia de sobrevivência, de resistir, de ocupar, para que a gente deixe essa marca na história, para que a próximas gerações de pessoas trans, de pessoas transmasculinas sobretudo, encontre essas produções, e que isso sirva de inspiração, que possa abrir portas, janelas, construir pontes para romper com a transfobia, com o racismo, com essas opressões que nos cercam e mostrar para sociedade cisheteronormativa, que a população trans, as transmasculinidades elas precisam ser valorizadas, respeitadas e precisam ser consumidas também (SANTANA, 2021b, s/p).

Como um dos organizadores da obra, “Transmasculinidades Negras – Narrativas Plurais em Primeira Pessoa”, o referido autor aprofunda o debate sobre transmasculinidades e negritude, apresentando suas escrituras juntamente com a de outros autores transmasculinos negros. Nessas páginas, suas vivências ganham corpo e voz a partir de diferentes expressões literárias, especialmente no poema “Trans-parto” como analisaremos a seguir.

### **Um corpo em travessia: análise do poema trans-parto**

Me pari.  
Me reinventei.  
Rompi o cordão  
umbilical  
(cis)hetero-terrorista  
Que me

acorrentava  
Me afastando de  
mim.  
Fui meu próprio  
parteiro,  
comi a placenta,  
Cospi,  
Arrotei pra  
seguir.  
Pari a mim  
mesmo,  
Construindo a  
face  
Que sempre  
desejei,  
Sou ciborgue.

Processos de transição, intervenções e negociações feitas para construções de si. Na primeira parte do poema, o texto vai ganhando forma concomitantemente ao processo de transição do autor, desnaturalizando sua relação corporal. Trans-parto emerge enquanto narrativa possível de um novo nascimento, o nascimento de sua transgeneridade.

A unidade tão desejada pela cisnormatividade se mostra falha e utópica, colocando à margem quem dela faz escárnio, mas nunca excluindo plenamente, pois, o abjeto é o seu exterior constitutivo (LACLAU; MOUFFE, 2015). Assim ele se pariu, rompeu com o cordão umbilical (cis)hetero-terrorista, se refez ao cortar a cisheteronormatividade estabelecidas antes mesmo do seu nascimento.

A construção discursiva acerca desta questão tem sido demarcada pelo binarismo entre o ser e o não-ser, a qual delimita o “nós” (parto natural) enquanto pertencimento, do “outro” (que se pariu) como um corpo estranho em relação à “natureza”, ou seja, as identidades são construídas de forma relacional a partir do estabelecimento de diferenças.

Ancorado na poética, o autor se coloca enquanto sujeito de sua própria história: ao se reconhecer na transmasculinidade, constrói a face que sempre desejou, símbolo de uma ruptura nesta “predestinação” que é cumprir os papéis alicerçados em estrutura corpórea, atestando que a engenharia social voltada para a produção de corpos ditos normais se mostra incapaz de domesticar em sua totalidade.

Preciado (2020) em suas “Crônicas de Travessia” descreve esse deslocamento, o seu o processo de transição de gênero<sup>1</sup>, processos esses marcados por experiências intensas de fissuras as fronteiras de gênero. O nome, os pronomes, as roupas, os hormônios, os documentos, as mudanças físicas e emocionais.

---

<sup>1</sup> Transição é o nome que se dá ao processo que leva supostamente da feminilidade à masculinidade (ou vice-versa), através de um protocolo médico e legal de resignação de identidade de gênero. (PRECIADO,2020, p.221)

Ao fazer referência a um corpo ciborgue, o poema dialoga com Manifesto Ciborgue de Donna Haraway (1994) a partir de questões como a desnaturalização e fragmentação dos corpos, sendo este artificial, diferente, exótico. Assim, o corpo evocado no texto é marcado por essa construção que difere da cisnormatividade.

O corpo feito  
De retalhos,  
De ti, de mim  
De (nós)...  
Sou eu.  
Um pouco  
De um montão  
De gente  
Que já não  
Podem ser  
Sou bicho  
Desnudo e  
(des)humanizado  
Desbravando o  
mundo.  
Ora me sinto  
humano  
Outras quero  
ser o Bicho  
Indomável,  
insano, feliz.  
Senti as dores  
do meu parto  
Planejado,  
desejado!

O poema enuncia a noção de ancestralidade e de uma transição que não é só social, mas também espiritual. Uma ancestralidade que faz referência a homens trans pretos que possibilitaram acessos e abriram caminhos, mas também que carrega outras experiências transvestigeneres, a exemplo dos corpos trans e travesti que foram silenciados pela necropolítica. Assim, ele se compreende enquanto “pouco de um montão de gente”.

Quem não obedece a esse padrão normativo é visto como corpo que não importa e por não ter existência legítima torna-se passível a todo tipo de violação. Reiterar incansavelmente as normas se faz necessário, considerando a instabilidade da materialização destes corpos a partir da não conformidade a tais imposições. É nesta abertura da lei regulatória que se torna viável rearticulações capazes de questionar a força hegemônica e fazer emergir vidas precárias, desumanizadas.

Se diversas instituições têm desempenhado bravamente o papel de salvaguarda da cisnormatividade ao naturalizar determinadas formas de ser e existir em detrimento das desumanizadas, ainda assim, não tem conseguido barrar totalmente as dissidências de gênero e sexualidades, tencionando a suposta estabilidade discursiva, proporcionando a produção de



contra discursos nesta arena de práticas hegemônicas (LACLAU; MOUFFE, 2015) por esse bicho indomável, insano, feliz.

O gestar aparece enquanto possibilidade e trocadilho: se o termo tem ligação com o ato de construir uma nova identidade, também se configura enquanto possibilidade de gestação por homens trans e pessoas transmasculinas, vivência demarcada não apenas por dores fisiológicas, mas por processos dolorosos face às violências. Assim, o texto reflete um dos pilares da produção literária protagonizada pelas transmasculinidades: abordar a diversidade de experiências e vivências envolvendo esses sujeitos.

Me dei o nome  
Que sempre quis  
ter.  
Desenhei cada  
parte  
do meu  
corpo  
Sou engenheiro  
de mim.  
(in)perfeito  
nos detalhes  
Transgressor  
Na escolha dos  
fármacos  
(in)certos

O nome é parte integrante dos direitos à personalidade, categoria que também se relaciona com outros direitos (à vida, ao corpo, à integridade física e moral, à intimidade e à liberdade). É por intermédio dele que se assegura a existência do sujeito perante o Estado (PRÓCHNO; ROCHA, 2011).

Ao anteceder o próprio nascimento e, em geral, permanecer até depois de sua morte, o nome produz sentidos (posse, pertença a determinada família, religião, território, classe social, relações de gênero e sexualidade). Enquanto categoria, além de acionar práticas de significação de subjetividades, prevê uma certa estabilidade da identidade civil, que é tensionada pelos que transitam entre gêneros.

Neste sentido, a linguagem tem o poder de operar nos corpos e na produção dos sujeitos como efeito discursivo, isto é, de uma citacionalidade. O ato de nomear e de reconhecer o outro a partir de um nome revelam práticas discursivas que tanto podem visibilizar politicamente sujeitos e seus corpos quanto silenciá-los. O nome pelo qual a população transvestigenera se reconhece é mais do que um conjunto de letras esvaziadas de sentido, ele opera mecanismos de transgressão da norma dominante, tornando-se ele mesmo um mecanismo de resistência política (PRECIADO, 2014).

Ao relatar a si, “sou engenheiro de mim”, o autor aprofunda o rompimento com a ordem de sexo/gênero, contrariando esse “ser sócio-político reconhecido e legitimado”, desobedecendo a identidade que lhe foi imposta: “riscando o mapa, apagando o nome para propor outros mapas, outros nomes que evidenciem sua condição de ficção pactuada. Ficções que nos permitem fabricar liberdade.” (PRECIADO,2020, p.145).

Assim como no poema, Preciado (2020) compreende a transgeneridade enquanto rompimento nas fronteiras de gênero, fabricando assim uma nova possibilidade. A experimentação dos fármacos (próteses químicas, drogas políticas, substâncias), não só modificam o corpo, mas também a maneira como se é visto pela sociedade, transformando o filtro com que decodificamos e recodificamos o mundo.

Me gastei por anos  
Cheio de medos  
Sofrendo pelo  
que (di)riam  
Ao me ver  
grávido  
De mim.  
Me fortaleci  
Entre os m(eus)  
Nas trincheiras  
Margens do  
(des)caso.  
Embalado nas  
Redes e nos  
a(feto)s

Ao atravessar essa viagem que, ao mesmo tempo, é de transições e rompimentos, é possível enxergar os medos e a vulnerabilidade presentes nas vivências trans. Uma compreensão de não lugar, sem teto, sem laços afetivos, ou de humanidade. Sujeitos com identidades de gênero variadas sobrevivem a aniquilamentos e discriminações cotidianas, opressões que se entrecruzam nas diversas dimensões.

Partindo deste pressuposto, a "sinergia de vulnerabilidades" (PARKER; CAMARGO JUNIOR, 2000) emerge enquanto fragilidade constitutiva de ações voltadas ao enfrentamento destas discriminações, assim como de políticas públicas destinadas às necessidades básicas deste segmento, como acesso aos estudos, à profissionalização e a bens e serviços de qualidade em saúde, habitação e segurança, contribuindo assim para a perpetuação do quadro de rejeição social.

Como emaranhado de fios aparentemente soltos, viver ou simplesmente existir são tecidos junto a tramas de violência que atravessam o texto e a vida. Apesar da preponderância de experiências negativas, o reconhecimento enquanto corpo transvestigenero também se

apresenta como espaço de possibilidades: o acolhimento, ainda que condicional e precário, se faz presente entre os m(eus), embalados nas redes, nos afetos e nas trincheiras.

Me gerei na  
certeza  
De que depois  
Não sobraria,  
um teto,  
O amor de muitos  
Desapareceria  
(Des)amor!  
Emprego  
Saúde, escola  
Família,  
religião  
Pari sozinho.  
Sem ninguém  
por perto para  
me abraçar  
ou celebrar  
pelo que nascia (...)

Apesar das importantes conquistas alcançadas, especialmente na última década, por sujeitos que não se enquadram na cisheteronormatividade, este fragmento poético reforça a eficácia dos dispositivos e mecanismos de normatização, controle, exclusão e eliminação social a partir da imposição de barreiras e resistências brutais aos que buscam sobreviver após “parir a si mesmo”.

As práticas cotidianas de violência que permanecem naturalizadas na rotina das famílias, escolas, comunidades religiosas e em diversos locais das cidades são manifestações concretas desses mecanismos, ainda que os mesmos não operem sem enfrentar resistências.

Ao tomarmos como exemplo a educação brasileira, a mesma segue sendo instrumento de dominação, com imposições autoritárias de uma cultura (linguagem, racionalidade, corporeidade e sociedade) sobre outras (PATTO, 2007). Essa escolarização instituída, implica em políticas de coerção para o controle das nossas existências, seus elementos, gestos, comportamentos e práticas, por meio de pedagogias normatizadoras que permanecem se configurando a partir de marcadores sociais como os de gênero, raça, sexualidade e classe.

As instituições de ensino aqui são compreendidas na condição de espaço de sociabilidade (DIAS, 2014). Desse modo, utilizamos Louro (1997) ao ponderar sobre como esses espaços formativos não somente são responsáveis por transferir/produzir conhecimentos, mas é dentro dessas relações sociais que desabrocham identidades étnicas, de gênero, sexual, de classe, se constroem/produzem subjetividades, formas de ser, compreender, aprender e agir.

De acordo com Carvalhal (2020), a educação institucional, negligencia muitos debates urgentes, como, por exemplo, sobre relações étnico-raciais e de gênero, numa perspectiva

antirracista e anticissexista. Além disso, quando pouco tensionam, o diálogo prioriza uma concepção que estabelece os padrões de tempo de desenvolvimento, aprendizagem, eficiência, conhecimento, inteligência, culpando as pessoas as quais não atendem à racionalidade.

Dessa forma, algumas existências são ensinadas como “modos errados” de ser homem. Conforme ilustra Santana (2019) em um de seus escritos intitulado: “Pensando Transmasculinidades Negras”, o autor expõe como apagamento de corpos transmasculinos, sobretudo, transmasculinos negros, acabam por terem suas existências silenciadas nos espaços de ensino. O autor relata sua experiência durante a graduação em Educação Física, “[...] tive meu nome social negado, meu nome de registro exposto, fui motivo de chacotas e como se não bastasse ainda tinha que suportar as piadas e falas machistas, misóginas e lgbtfóbicas distribuídas pelo próprio professor” (SANTANA, 2017, s/p).

São diversas as situações de violências pelas quais as pessoas trans passam, frequentar espaços onde essa violência é diária acaba por provocar a “evasão” desses sujeitos nos ambientes de ensino, evitar permanecer nesses lugares, para muitos é criar estratégias de sobrevivência.

Os sinais de fissuras na cisnormatividade se fazem presente a partir dos enfrentamentos e lutas por direitos em diversos espaços: mercado de trabalho, unidades de saúde, instituições de ensino, encontros familiares, celebrações religiosas. A movimentação desse corpo nos espaços, de algum ou vários modos, desestabiliza o sistema normativo de gênero tal como é conhecido. Por vezes, ocupar esses lugares é sentir novas dores pós-parto.

Sangrei sozinho  
Me banhando  
De resistência.  
Vontade de  
seguir  
Cantando esse  
parto  
tão sonhado  
Por aí...  
Pensado há  
tempos  
Pela necessidade  
de ser: Pluri,  
Multi, Bicho  
Gente...  
Dono de mim.

Para além de relatar a dor, o desfecho poético aponta para a importância de resistências ativas enquanto possibilidades de existência em território tão inóspito e aparentemente inegociável. Não se trata de ignorar a existência de estruturas de opressão, pelo contrário, é

através da compressão de como as mesmas operam que podemos lançar olhares sobre os movimentos desses corpos que são multis, pluris, gentes e donos de si.

Ao se “banhar de resistência” e ter “vontade de sair cantando”, o poema assume uma postura que escapa da análise unidirecional do discurso a partir da ideia que neste jogo de poder, corpos transvestigeneres são reduzidos ao sofrimento, perdas e extermínios. Assim, a presente literatura é movida por um sentimento de esperança, ainda que livre de qualquer romantização ou meritocracia.

Ao mesmo tempo em que esse regime de verdade controla, nomeia e legitima certas vidas em detrimento de outras, os sentidos não estão dados, as brechas estruturais possibilitam ressignificações e enredamentos a partir de “ações empreendidas pelos próprios atores sociais produzem respostas criativas, gerando dissidências ou dissonâncias em relação às grandes estruturas de poder e dominação” (PEREIRA, 2017, p.18).

## Conclusões

Numa conjuntura marcada pela intolerância e pelo avanço do neoconservadorismo, que se manifesta através de movimentos como escola sem partido, estatuto da família e dia do orgulho heterossexual, a inserção de uma perspectiva transmasculina na literatura representa uma quebra dos “padrões”: são corpos que enunciam novos olhares sobre antigas questões, reivindicam outras letras ao contarem sua história em primeira pessoa.

Freire (1978, p.75) afirma que é necessário investir em ações que permitam ao oprimido a apreensão e o reconhecimento sobre si enquanto sujeito capaz de se transformar e transformar sua própria história. Desse modo, o fazer literário com sua capacidade de tratar temas sérios de forma lúdica, torna-se instrumento para conhecer e dar sentido ao mundo e suas relações sociais, sendo via de construção de subjetividades. Ao contar histórias, os sujeitos atribuíram sentidos aos fatos e, até mesmo os ressignificam. A produção de si como sujeito criador de sua própria história e a memória são guiadas por propósitos normativos aprendidos e vivenciados socialmente.

Assim, a escriturabilidade proposta por Bruno Santana e por tantos outros autores transmasculinos/es, pode contribuir na efetivação de micro-ações políticas cotidianas, interferindo no imaginário social ao incorporar valores e atitudes alicerçadas em uma visão crítica e emancipatória, além de propor resistências “possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício (...)” (Foucault, 1999, p. 91).

Refletir sobre os embates presentes neste “parir a si mesmo” é reconhecer o acirramento de forças no processo político em vigor a partir da articulação de “novos” discursos atrelados ao avanço do neoconservadorismo. Uma produção literária que nos possibilita pensar sobre os ambivalentes modos de existência transmasculinas que circulam e se cruzam nos tortuosos e incompletos processos de criação de vidas forjados nas brechas da estrutura (cis)normativa. Uma lógica que a todo momento é normatizadora de nossas existências nos colocando sobre uma ordem binária, cisgênera, heterossexual, cristã, branca, eurocêntrica, que acaba por fortalecer, o machismo, o falocentrismo, racismo estrutural, a transfobia, LGBfobia e tantos outros demarcadores que não seguem a norma.

A partir (e para além) da sensibilização, tais escrituras configuram-se enquanto experiência estética e política de suma importância para construção de novos olhares sobre masculinidades articulados a outros demarcadores da diferença (raça e etnia, identidade de gênero, sexualidades, território).

Essa escrita que é política e representativa também pode ser considerada uma escrita de memória, na medida em que outros possam consultar e se encontrar, para que tais corpos não vivam de apagamentos e de invisibilidades, disputando outras possibilidades de escrita e vivência.

São corpos que, mansamente, tecem fios onde o tempo de cada um também é o tempo coletivo, assim como a história de cada pessoa é a história de várias vozes, atravessada por uma conjugação de sentidos de si. Sendo assim, é urgente que (re)exista a circulação dessa produção em diversos âmbitos, sendo a mesma reconhecida enquanto movimento epistemológico, político e artístico.

## Referências

- ANDIFES, Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. *In: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES*. Brasília: FONAPRACE, 2019.
- ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revistas Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- CARVALHAL, Tito Loiola. **Movimentos formativos contra-hegemônicos na faculdade de educação da UFBA**: primavera nos dentes. Orientadora: Profa. Dra. Elaine Cristina de Oliveira. 2020. 2004f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas publicações, 1988.
- DIAS, Alfrancio Ferreira. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas? *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 8, n. 12, p. 103-112, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Silva, Tomaz Tadeu. (Org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.
- KILOMBA, Grada. A máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 171-180, 2016.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e ação**. Associação de Línguas Modernas, painel Lésbicas e literatura, 1977.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOIRA, Amara. **Monstruoso corpo de delito**: personagens transexuais na literatura brasileira. Suplemento Pernambuco, 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2198-monstruoso-corpo-de-delito-personagens-transexuais-na-literatura-brasileira.html> Acesso em: 24 ago. 2020.
- MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? Medium, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee#.8aep8exn5>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- NERY, João. **Erro de pessoa**: Joana ou João? Rio de Janeiro: Record, 1984.
- PATTO, Maria Helena Souza. **Escolas cheias, cadeias vazias**: nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo: INEP, 2007.
- PARKER, Richard; CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, n. 1, p. 89-102, 2000.
- PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ensaio sobre narrativa transmaculina negra: a história do site Negros Blogueiros. **Revista África e Africanidades**, v. 14, n. 40, p. 23-26, 2021.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, n. 49, p. 149-176, 2017.
- PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**: crônicas de travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; ROCHA, Rita Martins Godoy. O jogo do nome nas subjetividades travestis. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 254-61, 2011.
- SANTANA, Bruno Silva. Trans-parto. In: SANTANA, Bruno Silva; PEÇANHA, Leonardo Morjan. Britto; GONÇALVES, Vércio Gonçalves. (org.) **Transmasculinidades negras**: narrativas plurais em primeira pessoa. Ed. 1. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021a.
- SANTANA, Bruno Silva. Insurgências Poéticas Transmasculinas, **Youtube**. 22 de agosto 2021b. Disponível em: Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=LJO2hoqzwDI&t=1274s> 18 de maio de 2022.
- SANTANA, Bruno Silva. Pensando Transmasculinidades Negras. In: RESTIER, Henrique; Souza, Rolf Malungo. (Orgs.) **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial. 2019.
- SANTANA, Bruno Silva. Educação física e transgeneridade: novos olhares e perspectivas sobre diversidades corporais e identidades de gênero. **Anais do Desfazendo Gênero**, Salvador. 2017.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

### **SOBRE O/AS AUTOR/AS**

Dayanna Louise Leandro dos Santos. Mestra em Educação (UFPE). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisadora do ConQuer/CNPq. Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Investigação, Metodologia. <http://lattes.cnpq.br/1103269893970583>

Thomas Cardoso Bastos Santos. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação de Sergipe (UFS). Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Investigação, Metodologia. <http://lattes.cnpq.br/1571125422358215>

Alfrancio Ferreira Dias. Doutor em Sociologia (UFS). Docente da Universidade Federal de Sergipe. Líder do ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Contribuição de autoria: Escrita – Revisão e Edição, Supervisão. <http://lattes.cnpq.br/1729817235900990>

Como citar: SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos; SANTOS, Thomas, Cardoso Bastos; DIAS, Alfrancio Ferreira. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escriturabilidade transmasculina a partir do poema “trans-parto”. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, 2022. DOI: [10.22481/praxisedu.v18i49.10896](https://doi.org/10.22481/praxisedu.v18i49.10896)